

Título: INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA EM EDUCAÇÃO
Autores: Roberto C. Bogdan e Sari Knopp Biklen
Tradutores: Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos
e Telmo Mourinho Baptista
Revisor: António Branco Vasco
Editora: Porto Editora

Título da edição original: Qualitative Research for Education
(Edição original: ISBN 0-205-13266-9)
Copyright © 1991 by Allyn & Bacon, Inc.

© PORTO EDITORA, LDA. — 1994
Rua da Restauração, 365
4099-023 PORTO — PORTUGAL

Reservados todos os direitos.
Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer
processo electrónico, mecânico, fotográfico, gravação ou outros, sem prévia autorização
escrita da Editora.

 **PORTO EDITORA** Rua da Restauração, 365 4099-023 PORTO • PORTUGAL
www.portoeditora.pt E-mail: pe@portoeditora.pt Telefone (351) 22 511 83 00 Fax (351) 22 511 83 01

ISBN 972-0-34112-2
Execução gráfica: Bloco Gráfico, Lda. • R. da Restauração, 387 4050-506 PORTO • PORTUGAL

2

Características da investigação qualitativa

Alguns investigadores movimentam-se nas escolas munidos de blocos de apontamentos para registarem os dados. Outros recorrem ao equipamento vídeo na sala de aula e não seriam capazes de conduzir uma investigação sem ele. Outros ainda elaboram esquemas e diagramas relativos aos padrões de comunicação verbal entre alunos e professores. No entanto, todos eles têm em comum o seguinte: o seu trabalho corresponde à nossa definição de investigação qualitativa e incide sobre diversos aspectos da vida educativa. Na presente secção vamos reflectir sobre os pontos comuns e mostrar que, apesar das diferenças, todas estas investigações caem na rubrica da investigação qualitativa.

Tal como a definimos, a investigação qualitativa possui cinco características. Nem todos os estudos que consideraríamos qualitativos patentciam estas características com igual eloquência. Alguns deles são, inclusivamente, totalmente desprovidos de uma ou mais das características. A questão não é tanto a de se determinada investigação é ou não totalmente qualitativa; trata-se sim de uma questão de grau. Como referimos anteriormente, os estudos que recorrem à observação participante e à entrevista em profundidade tendem a ser bons exemplos.

➤ 1. *Na investigação qualitativa a fonte directa de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal.* Os investigadores introduzem-se e despendem grandes quantidades de tempo em escolas, famílias, bairros e outros locais tentando elucidar questões educativas. Ainda que alguns investigadores utilizem equipamento vídeo ou áudio, muitos limitam-se exclusivamente a utilizar um bloco de apontamentos e um lápis. Contudo, mesmo quando se utiliza o equipamento, os dados são recolhidos em situação e complementados pela informação que se obtém através do con-

tacto directo. Além do mais, os materiais registados mecanicamente são revistos na sua totalidade pelo investigador, sendo o entendimento que este tem deles o instrumento-chave de análise. Por exemplo, num importante estudo sobre educação médica, os investigadores trabalharam numa escola médica, na qual seguiam os alunos para as aulas, laboratórios, enfermarias e outros locais utilizados para situações de encontros sociais: refeitórios, lares e salas de estudo (Becker *et al.*, 1961). Num estudo sobre estratificação educacional na Califórnia (Ogbu, 1974), foram necessários 21 meses para que o autor fosse capaz de completar o trabalho de campo: visitas, observações e entrevistas a professores, alunos, directores, famílias e diferentes membros da gestão escolar.

Os investigadores qualitativos frequentam os locais de estudo porque se preocupam com o contexto. Entendem que as acções podem ser melhor compreendidas quando são observadas no seu ambiente habitual de ocorrência. Os locais têm de ser entendidos no contexto da história das instituições a que pertencem. Quando os dados em causa são produzidos por sujeitos, como no caso de registos oficiais, os investigadores querem saber como e em que circunstâncias é que eles foram elaborados. Quais as circunstâncias históricas e movimentos de que fazem parte? Para o investigador qualitativo divorciar o acto, a palavra ou o gesto do seu contexto é perder de vista o significado. Como escreveu determinado antropólogo:

"Se a interpretação antropológica consiste na construção de uma leitura dos acontecimentos, então, divorciá-la do que se passa - daquilo que em determinado momento espaço-temporal pessoas particulares afirmam, fazem, ou sofrem, de entre a vastidão de acontecimentos do mundo - é o mesmo que divorciá-la das suas aplicações; tornado-a oca. Uma boa interpretação do que quer que seja - um poema, uma pessoa, uma história, um ritual, uma instituição, uma sociedade - conduz-nos ao coração daquilo que pretende interpretar." (Geertz, 1973)

Quer os dados sejam recolhidos sobre interações na sala de aula, utilizando equipamento vídeo (Florio, 1978; Mehan, 1979), sobre educação científica, recorrendo à entrevista (Denny, 1978a), ou ainda sobre a desagregação, mediante observação participante (Metz, 1978), os investigadores qualitativos assumem que o comportamento humano é significativamente influenciado pelo contexto em que ocorre, deslocando-se, sempre que possível, ao local de estudo.

2. *A investigação qualitativa é descritiva.* Os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens e não de números. Os resultados escritos da investigação contêm citações feitas com base nos dados para ilustrar e substanciar a apresentação. Os dados incluem transcrições de entrevistas, notas de campo, fotografias, vídeos, documentos pessoais, memorandos e outros registos oficiais. Na sua busca de conhecimento, os investigadores qualitativos não reduzem as muitas páginas contendo narrativas e outros dados a símbolos numéricos. Tentam analisar os dados em toda a sua riqueza, respeitando, tanto quanto o possível, a forma em que estes foram registados ou transcritos.

Os relatórios e artigos qualitativos têm sido classificados por alguns autores como "anecdóticos". Isto porque contêm frequentemente citações e tentam descrever, de forma narrativa, em que consiste determinada situação ou visão do mundo. A palavra escrita assume particular importância na abordagem qualitativa, tanto para o registo dos dados como para a disseminação dos resultados.

Ao recolher dados descritivos, os investigadores qualitativos abordam o mundo de forma minuciosa. Muitos de nós funcionamos com base em "pressupostos", insensíveis aos detalhes do meio que nos rodeia e às presunções que nos guiam. Não é raro passarem despercebidas coisas como os gestos, as piadas, quem participa numa conversa, a decoração de uma sala e aquelas palavras especiais que utilizamos e às quais os que nos rodeiam respondem.

A abordagem da investigação qualitativa exige que o mundo seja examinado com a ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para constituir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objecto de estudo. O investigador coloca constantemente questões como: Por que é que estas carteiras estão arrumadas desta maneira? Por que é que algumas salas estão decoradas com gravuras e outras não? Por que é que determinados professores se vestem de maneira diferente dos outros? Há alguma razão para que determinadas actividades ocorram em determinado local? Por que é que há uma televisão na sala se nunca é utilizada? Nada é considerado como um dado adquirido e nada escapa à avaliação. A descrição funciona bem como método de recolha de dados, quando se pretende que nenhum detalhe escape ao escrutínio.

3. *Os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos.* Como é que as pessoas negociam os significados? Como é que se começaram a utilizar certos termos e rótulos? Como é que determinadas noções começaram a fazer parte daquilo que consideramos ser o "senso comum"? Qual a história natural da actividade ou acontecimentos que pretendemos estudar? Por exemplo, em estudos relativos ao ensino integrado nas escolas, os investigadores estudaram primeiro as atitudes dos professores para com determinadas crianças, estudando posteriormente o modo como tais atitudes eram traduzidas nas interações diárias e como estas representavam as atitudes iniciais (Bruni, 1980; Rist, 1978). Em entrevistas com administradores escolares e candidatos a posições administrativas, determinado investigador mostrou o modo como as atitudes que reflectiam baixas expectativas, medos sexuais e outros estereótipos relativamente às mulheres se traduziam no processo de contratação (Schmuck, 1975).

A ênfase qualitativa no processo tem sido particularmente útil na investigação educacional, ao clarificar a "profecia auto-realizada", a ideia de que o desempenho cognitivo dos alunos é afectado pelas expectativas dos professores (Rosenthal e Jacobson, 1968). As técnicas quantitativas conseguiram demonstrar, recorrendo a pré e pós-testes, que as mudanças se verificam. As estratégias qualitativas patentearam o modo como as expectativas se traduzem nas actividades, procedimentos e interações diários. Um

exemplo particularmente significativo da "profecia de auto-realização" numa sala de aula de um jardim-escola é-nos dado por um estudo de observação participante realizado com crianças afro-americanas, em St. Louis. Nos primeiros dias de aulas, as crianças foram divididas em grupos estabelecidos essencialmente com base em critérios socioeconómicos. A professora interagiu mais com o grupo de nível mais elevado, dava-lhes mais privilégios e até lhes permitia disciplinarem o grupo mais desfavorecido. O processo de interacção diária encontra-se detalhadamente descrito (Rist, 1970). Este tipo de estudo foca-se no modo como as definições (as definições que os professores têm dos alunos, as definições que os alunos têm de si próprios e dos outros) se formam.

- 4. *Os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva.* Não recolhem dados ou provas com o objectivo de confirmar ou infirmar hipóteses construídas previamente; ao invés disso, as abstrações são construídas à medida que os dados particulares que foram recolhidos se vão agrupando.

Uma teoria desenvolvida deste modo procede de "baixo para cima" (em vez de "cima para baixo"), com base em muitas peças individuais de informação recolhida que são inter-relacionadas. É o que se designa por *teoria fundamentada* (Glaser e Strauss, 1967). Para um investigador qualitativo que planeie elaborar uma teoria sobre o seu objecto de estudo, a direcção desta só se começa a estabelecer após a recolha dos dados e o passar de tempo com os sujeitos. Não se trata de montar um quebra-cabeças cuja forma final conhecemos de antemão. Está-se a construir um quadro que vai ganhando forma à medida que se recolhem e examinam as partes. O processo de análise dos dados é como um funil: as coisas estão abertas de início (ou no topo) e vão-se tornando mais fechadas e específicas no extremo. O investigador qualitativo planeia utilizar parte do estudo para perceber quais são as questões mais importantes. Não presume que se sabe o suficiente para reconhecer as questões importantes antes de efectuar a investigação.

- 5. *O significado é de importância vital na abordagem qualitativa.* Os investigadores que fazem uso deste tipo de abordagem estão interessados no modo como diferentes pessoas dão sentido às suas vidas. Por outras palavras, os investigadores qualitativos preocupam-se com aquilo que se designa por *perspectivas participantes* (Erickson, 1986; ver Dobbert, 1982, para uma perspectiva ligeiramente diferente). Centram-se em questões tais como: Quais as conjecturas que as pessoas fazem sobre as suas vidas? O que consideram ser "dados adquiridos"? Por exemplo, em determinado estudo educacional o investigador centrou parte do seu trabalho sobre as perspectivas parentais sobre a educação dos seus filhos. Pretendia saber quais as opiniões dos pais sobre as razões para os filhos não terem bom rendimento escolar. Descobriu que os pais que faziam parte do campo de estudo sentiam que os professores não valorizavam as suas opiniões sobre os seus próprios filhos, dada a sua pobreza e a sua falta de escolaridade. Os pais acusavam igualmente os professores que consideravam que estes factores significavam necessariamente que os seus filhos não iam ser bons alunos (Ogbu, 1974). Estudou igualmente as perspectivas dos professores e dos alunos sobre as mesmas questões, na

esperança de encontrar pontos comuns, com o objectivo de explorar as suas implicações para a escolarização. Ao apreender as perspectivas dos participantes, a investigação qualitativa faz luz sobre a dinâmica interna das situações, dinâmica esta que é frequentemente invisível para o observador exterior.

- Os investigadores qualitativos fazem questão em se certificarem de que estão a apreender as diferentes perspectivas adequadamente. Alguns investigadores que fazem uso do vídeo mostram as gravações feitas aos participantes para compararem as suas interpretações com as dos informadores (Mehan, 1978). Outros investigadores podem mostrar rascunhos de artigos ou transcrições de entrevistas aos informadores principais. Ainda outros podem conferir verbalmente as suas perspectivas com as dos sujeitos (Grant, 1988). Ainda que se verifique alguma controvérsia relativamente a estes procedimentos, eles reflectem uma preocupação com o registo tão rigoroso quanto o possível do modo como as pessoas interpretam os significados.

- Os investigadores qualitativos em educação estão continuamente a questionar os sujeitos de investigação, com o objectivo de perceber "aquilo que *eles* experimentam, o modo como *eles* interpretam as suas experiências e o modo como *eles* próprios estruturam o mundo social em que vivem" (Psathas, 1973). Os investigadores qualitativos estabelecem estratégias e procedimentos que lhes permitam tomar em consideração as experiências do ponto de vista do informador. O processo de condução de investigação qualitativa reflecte uma espécie de diálogo entre os investigadores e os respectivos sujeitos, dado estes não serem abordados por aqueles de uma forma neutra.